

CONTRATO N 2810/97  
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o  
país do  
futebol**

**Entrevista com o poeta  
Anderson Braga  
Horta**



# Saudade de Miketen

(Sobre *A Saliva do Verde*, de Antonio Roberval Miketen)

□ AGLAIA SOUZA

*Verisso guiou meus urbanos pés nas trilhas da selva. Jibóias taludas me envolvem em saudade, trazendo-me as sombras das folhas, dos verdes. Lagoas soturnas e ilhas selvagens contornam o espanto de olhos, qual visgo.*

**N**a vertigem de teu vôo eu vi a vida de Ganvião se esvaír. Venusa, Tágide tua, também teve sua vez, nas verdes tardes plenas de ternura. Assim me soube *A Saliva do Verde*, sal de palavras, que aos saltos li, selva de sons de aves canoras. No verde das árvores preendi as lianas do meu pensamento; perdida nas horas, nos passos do vento, voei no teu rumo: pura ventura.

Verisso guiou meus urbanos pés nas trilhas da selva, mais Padre Torquato, em doce presença. Jibóias taludas me envolvem em saudade, trazendo-me as sombras das folhas, dos verdes. Lagoas soturnas e ilhas selvagens contornam o espanto de olhos, qual visgo.

E brotam do peito as águas da selva, jorram as letras em páginas virgens, ao encontro dos rios, dos versos reflexos em brilhantes folhagens, transparentes safiras.

Voltando do sonho, na selva de aço, comandam o cansaço e a saudade bruta saltando o profundo das grotas e escarpas cobertas de limo, a lama no fundo. E a vista acostuma de novo com a vida, cinzenta, monótona, fumaça e vidro.

Verisso, Venusa, Ganvião se esfumam, cheira o ar a óleo e gasolina, o avião se vai, a prumo, planando, a evitar os gigantes de concreto e bruma. Dói acordar na cidade grande: um dia já foi uma grande cidade. Solidão das gentes passa ligeira e mói mais que o silêncio do fundo da selva de onde emergimos de alma lavada.

Irmão, tu falaste do verde selvagem com a mesma linguagem do Rosa em *Sertão*, porém alcançaste as nuvens, em vôo de pássaro, a vida nas mãos. E a gente não sabe se é sonho esta vida, vivida a cismar; Calderón nos indica a vida e o sonho: o sonho é criar.

Distância, lonjura de Brasil tão grande, o Sul vê o Norte e nos mostra então. Paulista danado, tu leste a selva nos olhos tão verdes da bela Venusa. E hoje, ave presa, Ganvião nos desfia a Ave-Maria do nosso sertão, levado ao léu, no rumo do Norte, nas asas, nas mãos.

O olhar derradeiro sobrevoa a mata: a floresta dorme e sonha as aves, os brilhos, os cantos, os verdes, as águas, e afoga a dor.

Aglaia Souza, escritora e musicista, tem vários livros publicados.

